

A MÍDIA FRANCESA POLITICAMENTE INCORRETA: TRAÇOS DE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA NA ANÁLISE DE PRIMEIRAS PÁGINAS DO JORNAL *MINUTE*

Luciano Magnoni Tocaia*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise discursiva de primeiras páginas do jornal francês alinhado à linha política de extrema-direita *Minute*, que tratam de discursos preconceituosos e intolerantes. Para tanto, apoiar-nos-emos no quadro teórico-metodológico proposto pela semiótica discursiva de linha francesa (GREIMAS, 1973), com seus desdobramentos no Brasil (BARROS, 2002; FIORIN, 2008; DISCINI, 2009), e nas análises de discursos preconceituosos e intolerantes (BARROS, 2008, 2011; TOCAIA, 2017), tanto no Brasil quanto na França. Busca-se, dessa forma, examinar os temas e figuras que colaboram para a disseminação de discursos preconceituosos e intolerantes presentes nas primeiras páginas, consideradas como textos sincréticos e, por conseguinte, depreender o ator da enunciação (um *éthos*) preconceituoso e intolerante.

Palavras-chave: Semiótica discursiva francesa. Preconceito e intolerância na mídia. Tematização e figurativização.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Recentemente, países europeus viram (re)nascer em seus quadros sociais, políticos e eleitorais discursos radicais, racistas, xenófobos, homofóbicos e conservadores elaborados por movimentos populistas de extrema-direita. Esses discursos normalmente militam pelo fechamento das fronteiras, o retorno às identidades nacionais e, por vezes, regionais, e rejeitam tanto a globalização instituída pelas elites quanto a imigração e as expressões públicas do islã, vistas como sinal de invasão cultural estrangeira.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: lucianotocaia@gmail.com

Instaurada a crise dos refugiados da Síria e do Iraque em 2015, movimento de considerável amplitude no território europeu, países como França, Alemanha e Turquia implementaram políticas de acolhida e de recepção de estrangeiros que, na verdade, alimentaram discursos xenófobos em diversas áreas, em particular na França. Os atentados cometidos no país sob a égide do Estado Islâmico em janeiro e novembro de 2015 trouxeram à sociedade francesa certo grau de inquietude, além de aumentar ainda mais o grau de hostilidade da população diante dos muçulmanos, como podem testemunhar pesquisas que demonstram o aumento de agressões a esse respeito¹.

Assim como no Brasil, uma das discussões mais presentes na mídia francesa diz respeito ao tema do preconceito e da intolerância em relação ao “diferente”, ao “outro”. Dado o recente crescimento da mobilidade geográfica de imigrantes em países europeus e também a restrição cada vez maior desse espaço de mobilidade aos que na França queiram estabelecer suas raízes, verifica-se a complexidade da composição desses grupos e a sua dificuldade de inserção no seio da sociedade francesa, fatores que engendram o aparecimento ou a cristalização de preconceitos e intolerâncias, bem como o surgimento de novas formas de identidade e de alteridade.

É nesse quadro discursivo complexo que constata o aumento dos discursos populistas, xenófobos, homofóbicos, sexistas, bem como a prática de um terrorismo que alimenta as paixões semióticas ditas malevolentes (antipatia, ódio, raiva etc.), que o presente artigo tem por objetivo analisar, na perspectiva da semiótica discursiva francesa (GREIMAS, 1973; GREIMAS; COURTÈS, 1994; BARROS, 2002, 2008; FIORIN, 2008, 2009), algumas primeiras páginas do jornal *Minute*, hebdomadário dito satírico e alinhado à linha política de extrema-direita francesa. Buscar-se-á, nessas análises, examinar os temas e figuras que colaboram para a disseminação de discursos preconceituosos e intolerantes presentes nas primeiras páginas, consideradas como textos sincréticos e, por conseguinte, depreender o ator da enunciação (um *éthos*) preconceituoso e intolerante.

A SEMIÓTICA DISCURSIVA FRANCESA: PRESSUPOSTOS GERAIS

A semiótica discursiva de linha francesa (GREIMAS, 1973; GREIMAS; COURTÈS, 1994; BERTRAND, 2003) e seus desdobramentos no Brasil (BARROS, 2002, 2008, 2011; FIORIN, 2008, 2009), concebida em linhas gerais como uma “teoria da significação”, trata da explicitação das condições de apreensão e de produção de sentido. Nessa vertente teórica, não se toma o sentido como um objeto pronto e acabado, disponível diretamente ao leitor ou analista, mas o sentido incompleto e pendente nas tramas do discurso, ou ainda, “um parecer de sentido”, nas palavras de Bertrand (2003, p. 11).

Privilegia-se a abordagem do texto como objeto de significação e busca-se examinar os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos. Descreve-se e explica-se, assim, “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”, como nos explica Barros (2008). Embora não ignore que o texto seja

¹ De 7 a 20 de janeiro de 2015, os serviços de polícia franceses registraram 128 atos antimuçulmanos, segundo o Conselho francês do culto muçulmano.

também um objeto histórico, a semiótica francesa dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação para, então, centrar sua atenção nos estudos dos mecanismos que engendram o texto e o constituem como uma totalidade de sentido.

Nesse quadro teórico, o texto se constitui na junção de um plano do conteúdo com um plano de expressão que, por sua vez, pode ser verbal (escrito ou oral), não verbal (visual, gestual, sonoro, olfativo) ou sincrético.

Entende-se por texto sincrético aquele em que o plano da expressão se caracteriza por uma pluralidade de linguagens mobilizadas por uma única enunciação. No caso específico desta pesquisa, interessa-nos prioritariamente a análise do objeto sincrético, visto que examinaremos as primeiras páginas de um jornal, que associam a linguagem verbal e a não verbal/visual. Rejeita-se, contudo, como ponto de partida para a análise, a ideia de que haja no texto sincrético uma enunciação para cada sistema envolvido, considerando-se, portanto, a estratégia enunciativa global, que mobiliza diferentes linguagens na produção do texto manifestado.

Para explicar os sentidos do texto, a teoria semiótica examina, em primeiro lugar, o plano do conteúdo, concebido sob a forma de um percurso gerativo de sentido. Fundamental à teoria, tal percurso, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, é composto, resumidamente, de três etapas, cada qual com uma sintaxe e uma semântica que lhe são peculiares: uma primeira etapa, mais simples e abstrata, que recebe o nome de nível fundamental e se define pelo momento em que a significação se dá como uma oposição semântica mínima; uma segunda etapa, dita narrativa, que organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito; uma terceira etapa, a do discurso, em que a etapa narrativa anterior é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2008, 2011).

Como sugere Discini (2009), pensamos o jornal, neste trabalho, como um conjunto de textos que supõem uma totalidade discursiva, em que uma enunciação instaura, a partir da diagramação, em simbiose, múltiplos gêneros discursivos (fotografias, legendas, títulos, chamadas) que narram um acontecimento, reiterando-se um fato qualquer. Pensa-se em uma enunciação que, por ser única, confere às partes e às múltiplas manifestações da linguagem um sentido de unidade. Pressuposto a essa totalidade discursiva está o modo de presença do “eu”, o ator da enunciação (ou com um *éthos*) pressuposto ao que fora enunciado. O ator da enunciação corresponde a um efeito de sujeito, uma sorte de simulacro do “eu” que fala, uma imagem de enunciador, porém, não de uma pessoa individualizada, biografada e empírica, mas de um autor discursivo e implícito. Como lembram Greimas e Courtés (1994, p. 7-8):

[o ator da enunciação é] uma unidade lexical, de tipo nominal, que, inserida no discurso, é suscetível de receber, no momento de sua manifestação, investimentos da sintaxe narrativa de superfície e da semântica discursiva. [...] Do ponto de vista da produção do discurso, poder-se-á distinguir o actante da enunciação, que é um actante logicamente implícito, logicamente pressuposto pelo enunciado, do ator da enunciação: nesse último caso, o ator será, por exemplo, “Baudelaire”, na medida em que se define pela totalidade de seus discursos.

O ator da enunciação é, segundo Discini (2005), tematizado e figurativizado. Tematizado, porque é o lugar de convergência de temas recorrentes de um conjunto de discursos que reproduzem nos textos o imaginário social; figurativizado,

porque concretiza os temas, conferindo corporalidade à figura do enunciador e correlativamente àquela do enunciatário. Destaca-se junto a Dominique Maingueneau (2002) um dos três componentes do *éthos*, o corpo, que, aliado ao caráter (conjunto de características psíquicas) e à dimensão vocal (tom), organizam o mundo à vontade do sujeito e arquitetam o seu discurso.

Temas e figuras são, portanto, conteúdos semânticos do nível discursivo. Aqueles são os conteúdos semânticos de um texto tratados de forma abstrata, estas correspondem ao investimento semântico-sensorial dos temas. A disseminação de temas e figuras é tarefa do sujeito da enunciação, e pode ser vista como estratégia de persuasão no discurso. Além de manifestarem os valores caros à enunciação, temas e figuras assinalam também determinações sócio-históricas e ideológicas, visto que trazem ao discurso o modo de ver e pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais (FIORIN, 1988, p. 19).

Isso posto, exporemos, a seguir, as contribuições da teoria semiótica para o exame de discursos preconceituosos e intolerantes, sobretudo na esfera social política.

BREVES NOTAS SOBRE SEMIÓTICA E DISCURSOS PRECONCEITUOSOS E INTOLERANTES: O CASO DO DISCURSO POLÍTICO

A semiótica discursiva de linha francesa tem se mostrado um quadro teórico bastante proveitoso para o exame dos discursos intolerantes dos mais variados tipos: racista, fascista, separatista, homofóbico, sexista, entre outros. Destaca-se, nesses estudos, a proposta teórico-metodológica estabelecida por Barros (2008, 2011) para o exame da organização narrativa e discursiva dos discursos intolerantes, que parte tanto da formulação de algumas hipóteses sobre esses discursos, as quais discutiremos no decorrer deste texto, quanto de alguns procedimentos de construção dos discursos intolerantes, dos quais também trataremos adiante.

É preciso dizer, de antemão, que o discurso de cunho preconceituoso e intolerante não está intrinsecamente ligado a um gênero discursivo em específico, nem a apenas uma esfera de ação social (familiar, política, midiática, religiosa, escolar etc.), uma vez que para a definição de um gênero é necessária a estabilidade de composição, de temática e de estilo, fato não comprovado na análise desses discursos. Os discursos intolerantes estão presentes praticamente em todas as esferas de ação social e, dada a grande variedade de composição e de estilo, podemos classificá-los apenas tematicamente, isto é, pela organização do plano do conteúdo (BARROS, 2011). Dessa forma, há discursos intolerantes no âmbito da política, da religião, da família etc., materializados em gêneros diversos, por exemplo: notícias, sermões, discursos de campanhas políticas, bate-papo, comentários de leitores em jornais e sítios eletrônicos, capas de revista, entre outros.

A hipótese de partida de construção discursiva dos estudos sobre a intolerância, que no momento se apresenta sob o viés epistemológico proposto pela semiótica discursiva de linha francesa, é a de que esse discurso é, sobretudo, um discurso de sanção a sujeitos que se denominam maus cumpridores de contratos sociais preestabelecidos, já apresentados anteriormente (BARROS, 2011). Esses sujeitos denominados “diferentes” são reconhecidos como maus cidadãos,

maus atores sociais que devem, portanto, ser punidos com perdas de direitos, de emprego, podendo ocorrer até mesmo a morte. Segundo Barros (2011), advém daí as expressões que estão cristalizadas na língua e que são transmitidas de geração em geração, sem que haja um posicionamento crítico-ativo da parte de quem os produz, tais como: os judeus são ricos e perigosos, os índios são bárbaros, os homossexuais são pervertidos e pederastas, os negros (pretos) são preguiçosos e ignorantes, os árabes são religiosos fanáticos, habitantes de determinadas regiões são maus usuários da língua, os nordestinos vieram a São Paulo “roubar” empregos dos paulistas, os ciganos são ladrões etc. Uma segunda hipótese também formulada por Barros (2011) é a de que os discursos intolerantes desenvolvem predominantemente dois tipos de paixões: as paixões ditas malevolentes (antipatia, raiva ódio, xenofobia), que se contrapõem às paixões ditas benevolentes, como o amor (aos iguais, aos de sua religião e cor); e as paixões do medo do “diferente” e dos danos que ele pode causar.

Chama a atenção em estudos recentes o uso muito frequente de discursos intolerantes como estratégia argumentativa para discursos sociais diversos, dentre eles, os políticos em particular. Para essas questões, retomamos os trabalhos de Patrick Charaudeau (2015), no campo epistemológico da Análise do Discurso, e de José Luiz Fiorin (1988) e Diana Luz Pessoa de Barros (2011), no âmbito da semiótica discursiva, para tratar do discurso político com vistas a mostrar suas relações com o discurso intolerante.

Mapeando algumas características do discurso político, podemos afirmar que as questões de poder e legitimidade política têm sido amplamente utilizadas para determinar o que se entende por campo político. Em nosso caso, caminharemos ao encontro das ideias defendidas por Fiorin (1988), para quem o discurso político é modalizado pelo poder, ou seja, o discurso político é um discurso de busca de poder. Segundo o autor, ainda que o discurso político tenha como objetivo atingir um enunciário, propondo-lhe um dever fazer, ocorre, em última instância, a busca pelo poder, uma vez que se objetiva colocar o enunciário como colaborador do fazer do governante. Na mesma linha, Charaudeau (2015, p. 56) afirma que “a instância política encontra-se no lugar em que os atores têm um ‘poder de fazer’ – isto é, de decisão e de ação – e um ‘poder de fazer pensar’, isto é, de manipulação”. Há, contudo, um mascaramento do desejo da enunciação de afirmar de forma explícita que é movida pelo sentimento de ocupar o poder, pois isso seria, certamente, contraproducente. Para Barros (2011, p. 72), a característica mais marcante do discurso político é o fato de nele se encontrar um “sujeito político modalizado pelo poder, e seu discurso [ser] aquele de busca do poder como valor ou de sua conservação, reconhecimento e esforço”. Para a pesquisadora, o sujeito político apresenta-se como sujeito do poder pelos papéis temáticos que assume, de governo, de ocupante de cargo político, de candidato, membro de um partido etc.

Além de ser modalizado pelo poder, o discurso político é ainda modalizado pelo saber. O sujeito político deve-se mostrar competente e confiável, e, para tanto, deve conhecer (saber) as “realidades” com as quais terá de lidar, além de dominar aspectos que dizem respeito à situação econômica, política e social de seu país. Quando o sujeito político foge a essas determinações e à condição de especialista, ele é sancionado negativamente, como se pode ver no texto intitulado “Exclusivo: ‘Não entendo mesmo de economia’, afirma Jair Bolsonaro”, publicado

pelo jornal *O Globo*, em entrevista com o então candidato à presidência do Brasil no pleito de 2018:

Na primeira entrevista do GLOBO com candidatos à Presidência da República, Jair Bolsonaro, que será escolhido este domingo o nome do PSL ao Planalto, admite desconhecer assuntos econômicos e diz que quem responde por ele nessa área é o consultor Paulo Guedes — o seu ‘Posto Ipiranga’. Como argumento para não dominar o tema, o deputado indaga: “Estou indo para o vestibular ou para campanha política?” (GRILLO; MENEZES; PRADO, 2018).

O candidato é sancionado negativamente justamente por ser visto com desconfiança pelo meio político, econômico e jornalístico brasileiro, já que não cumpre o contrato de sabedoria, confiança e competência que se espera de um futuro presidente do País. Se o discurso político procura levar o destinatário do discurso a acreditar no que ouve, e fazer o que se espera que ele faça, caso a manipulação não atinja sucesso, o contrato pode ser quebrado, como se vê, a seguir, no comentário de internet proferido por um leitor em reação à matéria publicada no jornal *O Globo*:

Não entende de economia, não entende de feminismo, não entende de ciência, não entende de tecnologia, não entende de português, não entende de inglês, não entende de criar leis, não entende de política, não entende de relações exteriores (correção, ele entende de bater continência para bandeira americana), e não entende de governar. Mas acha que entende de armar a população covarde, que vai sair matando todo preto que for acusado de roubo mas deixar vivos os estelionatários que roubam 1.000.000 por golpe (GRILLO; MENEZES; PRADO, 2018, 2018).

Para completar essa rápida apresentação de algumas características do discurso político, discorreremos sobre algumas estratégias de persuasão utilizadas na esfera política. Dessa forma, discursos como os que analisaremos no decorrer deste texto, de extrema-direita, tendem a ser portadores de simplicidade, de mitos, de símbolos, de imaginários que encontram eco em suas crenças, mas, também, portadores de muita polêmica. Elaboram-se discursos que recorrem a oposições como esquerda e (extrema) direita, identidade e alteridade, segurança e insegurança, de conservação dos valores sociais, do modo de ser da nação, da noção de família, de “pureza” da língua, dentre outros. Recorrem-se a estereótipos, imagens fortes que são capazes de causar imediata adesão.

O discurso político é, portanto, na narrativa, um discurso de manipulação, de persuasão do destinatário. Sujeito crível, o sujeito político deve persuadir o destinatário de que ele (político) partilha certos valores, e, como sujeito do poder, pode manipular o destinatário por sedução, em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito proferidas, por tentação, ao oferecer-lhe vantagens, cargos e outros objetos de valores desejáveis, e/ou por intimidação, ao ameaçar o destinatário com a perda de valores, como faz a extrema-direita francesa em questões como a perda da identidade francesa com a chegada dos imigrantes, o número excessivo de imigrantes na França, a falta de segurança etc.

Efetivamente, as estratégias discursivas empregadas pelo sujeito político para despertar a simpatia e a aderência do eleitorado dependem de vários fatores: de seu próprio modo de ser no mundo (identidade social), do modo como percebe

a opinião pública, da posição de outros sujeitos políticos, parceiros ou adversários, e, por fim, do que seja visto como necessário para defender ou atacar pessoas, ideias ou ações.

Isso posto, passemos às análises dos discursos preconceituosos e intolerantes utilizados como plataforma política (embora isso seja muitas vezes, negado por Marine Le Pen) pelo partido de extrema-direita na França *Rassemblement National*, antigo Frente Nacional (FN), por meio da análise de primeiras páginas do jornal *Minute*.

DOS CONCEITOS DE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA NO JORNAL *MINUTE*: ANÁLISE DE PRIMEIRAS PÁGINAS

Definimos, ainda que de forma resumida, algumas características dos discursos intolerantes e preconceituosos no nível narrativo, e estabelecemos algumas hipóteses de como se constrói discursivamente a intolerância. Passaremos, então, aos procedimentos e às estratégias utilizados nesses discursos no nível semântico discursivo da teoria semiótica e verificaremos em qual quadro de valores eles se inserem.

As análises desta pesquisa estão baseadas em exemplares do jornal *Minute*, hebdomadário francês que circula desde 1962. Considerado satírico pela imprensa local, sua tiragem é de aproximadamente 40 mil exemplares a cada semana. A partir de 1970, o jornal alinha sua produção editorial às ideias políticas de extrema-direita, sobretudo àquelas desenvolvidas pelo partido Frente Nacional (Front National), então presidido por Jean-Marie Le Pen e, atualmente, dirigido por Marine Le Pen, porém com o nome de *Rassemblement National* (RN).

Minute, que se autointitula “o hebdomadário politicamente incorreto²”, tem preferências por temas sobre a imigração, o islã, a violência, a falta de segurança, a imoralidade, a escola livre, entre outros. Segundo a linha editorial do jornal, seu público de leitores é formado por membros da direita conservadora e nacionalista, o que, a nosso ver, constitui-se como terreno fértil para a disseminação de ideias preconceituosas e racistas estampadas nas primeiras páginas do jornal. Alvo de inúmeras denúncias e condenações nos tribunais franceses, o jornal foi, por inúmeras vezes, também condenado por agências especializadas da Organização das Nações Unidas (ONU), sobretudo por ferir o direito internacional humanitário em questões de difamação, racismo, ódio racial e intolerância às minorias.

Assumamos, para a análise dos percursos temático-figurativos, algumas primeiras páginas do jornal, individualidades que remetem a uma totalidade, o que denominamos o modo *Minute* de ser no mundo. De um conjunto de textos de primeiras páginas recortar-se-á, nesse corpo, o ator da enunciação, construído na sucessão e na continuidade de papéis temáticos e figurativos. Assim, verificaremos não só o que diz o modo *Minute* de ser no mundo, mas, principalmente, como e por que diz o que diz. Exemplificamos, a seguir, uma das primeiras páginas que serão analisadas, com o intuito de observar o mecanismo de resignificação do contexto da página, uma vez que o discurso ganha existência apenas se contextualizado.

2 Para consultar o site do jornal, acesse: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

Figura 1 – Jornal *Minute*, outubro 2017

Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

Observando a primeira página em questão, a unidade discreta (*unus*), no dizer de Greimas e Courtés (1994), corpo que representa uma totalidade (*totus*) e que constitui o estilo de um jornal (DISCINI, 2009), *Minute* apresenta o título de forma centralizada, no alto da página, colorido invariavelmente em vermelho e branco, com letras normalmente maiores do que aquelas da manchete principal. Sob o título, e com letras de tamanho minúsculo, o aposto *Hebdomadaire politiquement incorrect* (jornal politicamente incorreto), que já aponta para a construção de uma imagem discursiva, o *ethos*, que, ao banalizar suas próprias formas de correção política, marginaliza e insulta grupos de pessoas vistos como desfavorecidos e/ou marginalizados, como veremos no decorrer da análise. A isso, soma-se a data de publicação, à direita.

A primeira página constrói-se por meio de recursos do sincretismo, visto que se encontram no texto duas substâncias, a do verbal e do visual, sincretizadas em uma forma única, tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo. Temos, então, diante dos olhos, o texto sincrético, cujo sentido, depreendido da relação do verbal com o visual, constitui-se como predominantemente figurativo. As ideias se concretizam, portanto, por meio de figuras, como é o caso de Danièle Obono, deputada franco-gabonesa, ator do enunciado figurativizada hiperbolicamente em uma foto construída com um olhar predominantemente subjetivo, com traços distorcidos e animalizados.

Do texto enunciado, depreende-se um contrato entre enunciador e enunciatário. A ordem *Mais qu'on la fasse taire, bordel!* (Que ela se cale, bosta!) instaura uma voz discursiva que é, na verdade, a simbiose entre a voz do jornal e a voz do leitor. Carrega-se emocionalmente o discurso, ou, em outras palavras, “sobe-se o tom”, tanto pelo registro vulgar da língua quanto pela ancoragem na figura distorcida e animalizada da mulher. A manchete, pelo registro chulo e vulgar, grita, e o leitor se submete à voz e com ela compactua. Continuando a ler a primeira página referida, três outras manchetes acompanham a principal, figurativizando-a ainda mais: *Danièle Obon, a afro-feminista de Mélenchon*; *A cada*

declaração uma besteira; Em questão de discriminação, os ateus são reis. Cria-se, em *Minute*, uma intimidade discursiva e instaura-se um lugar de intimidade discursiva de onde se fala e de onde se escuta. Completa a página em questão uma faixa carregada de tinta preta, típica de censura às questões relacionadas à ideologia dos gêneros, defendida pela ex-ministra da cultura e prefeita de Paris, Anne Hidalgo.

Basta a leitura das manchetes no plano do conteúdo e um simples olhar sobre a imagem, no plano da expressão, para que se depreenda desse enunciado, ancorado em hipérboles plásticas e visuais, formações discursivas carregadas de preconceito e de discriminação contra negros, contra imigrantes, aqueles que defendem a teoria dos gêneros, os ateus. Há uma voz discursiva que fala aos gritos e sem censura, denuncia e incita a ações intolerantes, moralizadas e valorizadas positiva e fortemente pela enunciação. Tematiza o discurso, no âmbito do abstrato, o imaginário social da extrema-direita francesa, de pensamento católico conservador, nacionalista, patriota, racista e unilateral. Vejamos como esses temas são disseminados pelo sujeito da enunciação no exame de outras primeiras páginas do referido jornal.

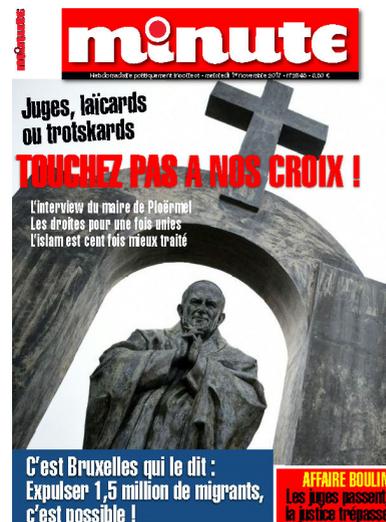
De acordo com Barros (2011), os discursos preconceituosos e intolerantes estão, em seu nível fundamental (de base), relacionados à oposição semântica igualdade *versus* diferença e identidade *versus* alteridade. Para tratar das diferenças, o discurso preconceituoso e intolerante desenvolve, conforme as diferenças de posição político-partidária, de religião, de gênero, de etnia, de orientação sexual, alguns percursos temáticos e figurativos. Lembremos, ainda, que temas e figuras assinalam determinações sócio-históricas e ideológicas, visto que trazem ao discurso o modo de ver e pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais (FIORIN, 1988, p. 1-19).

Voltemos à observação de mais algumas primeiras páginas de *Minute*, o jornal politicamente incorreto.

Figura 2 – Jornal *Minute*, julho 2017 **Figura 3** – Jornal *Minute*, novembro 2017



Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.



Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

A imigração é, certamente, um dos temas mais caros ao jornal *Minute* e, por conseguinte, aos ideais de extrema-direita proclamados pelo partido RN de Marine Le Pen. A manchete “Há uma vacina contra a imigração em massa?” (Figura 2), associada à afirmação “É Bruxelas que diz: expulsar 1,5 milhão de migrantes é possível” (Figura 3), direciona a discussão à iminência do caos trazido pelo êxodo em massa dos imigrantes na França. A ameaça da imigração e seu caráter supostamente irreversível despertam no enunciatório as paixões do medo e do ódio que, embora sejam moralizadas negativamente pela sociedade, são combustível utilizado pelo jornal como estratégia de persuasão e plataforma política. O estrangeiro é visto como doente (*oui, les migrants apportent des maladies*), há necessidade de vacina contra aquilo que é sujo e insalubre, conforme faz crer a imagem, no plano da expressão, que figurativiza um campo de imigração estrangeiro nas proximidades de Paris. Deduz-se, do enunciado, que o ator da enunciação dessa totalidade, enquanto enunciador e enunciatório, não quer e não tem de querer a imigração no país. Tal situação afasta-o de seu próprio mundo. Reforçam-se, assim, imagens estereotipadas do “diferente”, do estrangeiro que é “feio”, “sujo” e que pode contaminar o país. Assimila-se, portanto, o caráter doentio e deformador da diferença, ou, ainda, como assevera Barros (2011, p. 265):

[...] ao colocar o outro como “antinatural”, o discurso intolerante vai tratá-lo ainda como “anormal”. Os iguais, ao contrário, são “naturalizados” e considerados “normais”. [...] O diferente é considerado doente e louco, em oposição aos sadios de corpo e mente. A doença é encarada como algo vergonhoso, de que o doente deve sentir-se também culpado.

A Figura 2, portanto, desenvolve este tema: a imigração não é “normal” e o imigrante “contraria a ordem do mundo”. Expulsá-los é, então, a única saída, como preconiza a enunciação recuperada na Figura 3. *Minute* constrói, de acordo com seus ideais político-partidários e seus próprios valores, um *éthos* intolerante, que elabora um discurso de que não se pode nem se deve tolerar o intolerável. Uma espécie de intolerância positiva, bem-vista, comumente utilizada por candidatos populistas que constroem em seus discursos uma imagem de firmeza, rigor e severidade contra aquele que visa a prejudicar a sociedade e os indivíduos.

Desenvolve-se paralelamente ao tema da imigração a questão da religião imigracionista, também usada pelo ator da enunciação de *Minute* como plataforma intolerante e preconceituosa. Segundo o jornal (Figura 3), “O Islã é cem vezes mais bem tratado [do que os católicos]”. Aconselha a enunciação aos juizes, aos laicos e aos comunistas de “não tocarem em seus crucifixos”, numa evidente hostilidade à hostilidade. É típico de discursos totalitaristas como os da extrema-direita, em que o discurso católico tradicional assume um dos papéis centrais na orientação ideológica do discurso, o desejo de velar pela antiga França católica, realista e autoritária, sem os princípios da Revolução Francesa de 1789 e, portanto, sem democracia. Reivindicam-se ícones do passado, dito glorioso, como Joana D’Arc, alterando-se o movimento da história em benefício de correntes de pensamento totalitárias, fundamentalistas e intolerantes. Firma-se o simulacro de um ator da enunciação xenófobo e antisemita, que preza pela identidade nacional, da terra e dos mortos. Corroboram-se a França extremista, em que se não se possuem ancestrais enterrados em cemitérios ao lado de igrejas

de pequenos vilarejos no interior do país, certamente não se trata de franceses “autênticos”, históricos, mas completamente artificiais.

No mapeamento dos temas e figuras, observados como componentes da semântica discursiva na teoria semiótica, e que reproduzem nos textos o imaginário social, encontramos, na análise das primeiras páginas de *Minute*, outro tema que pode estar associado à questão da doença física e mental discutida anteriormente. Trata-se da questão da homossexualidade, como se pode observar nas primeiras páginas a seguir.

Figura 4 – Jornal *Minute*, novembro 2017 **Figura 5** – Jornal *Minute*, julho 2013



Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.



Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

Na tentativa de criar o simulacro de um sujeito que tem coragem de manifestar sua intolerância contra aqueles que não merecem ser tolerados, toma corpo um ator da enunciação homofóbica, avesso à autocontenção, que trata a homossexualidade como doença, como corrobora o enunciado “Aids: apesar dos riscos, eles poderão te doar sangue” (Figura 5). A homossexualidade é, portanto, indecorosa, doentia, vergonhosa e imoral.

Recupera-se, ainda, no exame do texto, um modo de ser irônico e debochado da parte do ator da enunciação de *Minute*. Onde há ironia, há aproximação entre enunciador e enunciatário, dada a carga de cumplicidade instaurada na enunciação. Diminuem-se as distâncias, reforçam-se os laços de subjetividade, intensificam-se as relações e a troca de ideias. Esse estilo encontrado nas primeiras páginas do jornal lembra o estilo sensacionalista que corresponde aos *faits divers* da imprensa francesa (DISCINI, 2009). Por meio de enunciados como “As lésbicas vão de vento em popa na Europa” (Figura 4) e “Casamento homossexual: em breve eles poderão enfiar... o anel no dedo” (Figura 5), a luta dos homossexuais por direitos civis igualitários é tratada de maneira grotesca e estereotipada, com piadas maliciosas de duplo sentido, tanto no plano do conteúdo quanto no da expressão, em que um casal gay seminu, portando adornos sexuais de couro, leva, pelas ruas de Paris, a bandeira arco-íris, símbolo de luta,

de resistência e de orgulho gay, lésbico e transgênero (LGBT). Associados a clichês homofóbicos utilizados à exaustão, encontram-se em meio aos enunciados proferidos nas primeiras páginas de *Minute* insinuações sobre supostas relações homossexuais levantadas contra seus adversários políticos, principalmente em relação ao atual presidente Emmanuel Macron. Lembremos que na França, no ano de 2013, a igualdade de direitos concedida aos homossexuais pela instituição do casamento civil gerou uma enorme onda de protestos nos meios mais conservadores, alimentando discursos discriminatórios de natureza homofóbica.

É sobre o tema do racismo que este texto se encerra. Nesse sentido, a França é invariavelmente figurativizada em *Minute* e pelo partido político de Le Pen como o país que não será mais reconhecido pelos franceses e que se tornará estrangeiro. Nesse sentido, dialogam com o discurso francês do *grand remplacement* (grande substituição, em tradução livre), termo cunhado pelo militante de extrema-direita Renaud Camus. Trata-se de uma teoria conspiratória, segundo a qual existiria um processo de substituição da população francesa no território francês por uma população não europeia, originária, inicialmente, da África subsaariana e do Magreb. Tal mudança implicaria, segundo Camus, uma mudança de civilização, cujo discurso seria elaborado pela maioria das elites políticas, intelectuais e midiáticas, seja por ideologia, seja por seus próprios interesses.

Reacionário, *Minute* nega a constituição heterogênea da sociedade francesa por meio de uma enunciação violenta e tendenciosa. Esquece-se ou menospreza-se, por simulacro da própria enunciação, a composição étnica do povo francês, mistura de celtas, romanos, anglos, gregos, saxões, vikings, que, por sua vez, deram origem a outros povos, como os normandos, bretões, provençais, bascos, entre outros. É sabido, portanto, que como toda e qualquer nação, a França é um composto étnico múltiplo, em seu caso, especificamente, cruzamento de povos oriundos do norte da Europa e do Mediterrâneo.

Busca-se, assim, manipular pela intimidação o leitor do jornal, numa *performance* aparentemente bem-sucedida. O leitor deve fazer, ou seja, deve evitar que o negro assuma um papel ativo na participação da vida social francesa e, quando e se o faz, é imediatamente ridicularizado por uma enunciação sobrecarregada emocionalmente e ancorada na figura do grotesco. É o que podemos observar nas primeiras páginas a seguir.

Os discursos intolerantes da extrema-direita, utilizados tanto pelo jornal quanto por Marine Le Pen como plataforma política em sua campanha presidencial e em seus discursos corriqueiros, são dos tipos mais diversos: os negros (imigrantes) invadem o nosso território; os negros parecem ser diferentes na mentalidade, no comportamento, na vida social e nas tradições; negros não gostam de trabalhar e ameaçam os nossos interesses; negros são violentos contra as mulheres etc. Apoiado nos discursos racistas “científicos” surgidos no século XIX, justificativas para o colonialismo europeu especialmente na África e na Índia, o ator da enunciação de *Minute* é incapaz de suportar o diferente e adota uma atitude de desconfiança para com ele, calcada no etnocentrismo, com a atitude “nós” contra os “outros”, que consiste em transformar em valores universais, de modo indevido, os valores característicos das sociedades às quais pertencemos. Infiltram-se, no enunciado, formações discursivas e ideológicas como doutrinas conscientes e argumentadas, que se dizem baseadas em fatos cientificamente demonstráveis e se transformam, finalmente, em uma perversa visão de mundo. É o que podemos observar na análise das duas primeiras páginas exibidas.

Figura 6 – Jornal *Minute*, novembro 2014

Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

Figura 6 – Jornal *Minute*, novembro 2014

Fonte: <<http://www.minute-hebdo.fr>>.

Nos dois textos, a ex-ministra da justiça francesa no governo socialista de François Hollande, Christine Taubira, é humilhada, punida e grotescamente tratada como um animal, ora como um cachorro, ora como um macaco, visto que o ator da enunciação, com um tom de voz discursiva racista e preconceituosa que fala alto, afirma ser a ex-ministra “malandra como um macaco; Taubira encontra sua banana”. Relacionando tais procedimentos da expressão com os temas e discursos do conteúdo, recorreremos a Barros (2011), para quem esses sujeitos não são bons cumpridores do contrato social de branqueamento da sociedade e são, portanto, no momento do julgamento, considerados maus atores sociais, maus cidadãos, e merecem ser punidos, como revela a Figura 6. Os exemplos mostram a sanção narrativa que decorre da interpretação de que contratos sociais foram rompidos.

Por fim, ainda seguindo o raciocínio de Barros (2011), ao tema do racismo sobrepõe-se outro tema, da animalização, em que o discurso preconceituoso atribui ao “diferente” traços físicos e características comportamentais de animais, desumanizando-o. Há, portanto, a perda dos atributos de ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações merecem ser tecidas como reflexão final deste estudo. O jornal *Minute*, junto ao partido de extrema-direita *Rassemblement National*, de Marine Le Pen, constroem, ambos, um ator da enunciação (ou um *ethos*) beligerante, intolerante, preconceituoso e racista, consoante a seus próprios valores, aos valores de partidos políticos, mas, sobretudo, aos valores de seus leitores/eleitores.

Ao instaurar no enunciado um modo de ser do ator da enunciação que busca não mais tolerar o intolerável, *Minute* tenta manter o *status quo*, desenvolvendo

em seu discurso temas que se mostram contrários à política de imigração na França, ao casamento de homossexuais, à religião imigracionista e à multiculturalidade que define a sociedade francesa atual. Reforçam-se, dessa maneira, os discursos que se baseiam em formações ideológicas fundamentais de racismo, nacionalismo, tradicionalismo, autoritarismo e sexismo.

A esse tipo de imprensa, partido político e eleitores, cabe, a nosso ver, uma vigilância antifascista cada vez mais necessária, uma vez que discursos nacionalistas, racistas e sexistas, cada vez mais presentes em nosso âmbito social, sobretudo virtual, ganharam pouco a pouco um tipo de visibilidade, credibilidade e legitimidade que haviam perdido após o final da Segunda Guerra Mundial. Sob a égide de conceitos como liberdade de expressão, dissidência e antifascismo, o ator da enunciação de *Minute* e seu eleitorado conseguiram, num curto espaço de duas décadas, reaparecerem na cena política mundial, fazendo crer que estavam mortos, desqualificando aqueles e aquelas que continuavam a denunciá-los.

Resta-nos observar e torcer para que, num mundo civilizado em pleno século XXI, predominem, tanto na política quanto em outras áreas sociais, contratos sociais que busquem a mestiçagem cultural, a pluralidade e o multilinguismo, discursos tolerantes que ocasionarão certamente maior aceitação social. Cabe, ainda, aos cidadãos de qualquer país, o desenvolvimento da tolerância ativa, tanto em suas relações mais próximas quanto em sociedade, para que não ocorra o que denuncia o poema *A indiferença*, atribuído a Martin Niemöller, pastor luterano alemão (1892-1984).

“E não sobrou ninguém”

Primeiro levaram os comunistas
 Mas não me importei com isso
 Eu não era comunista;
 Em seguida levaram os sociais-democratas
 Mas não me importei com isso
 Eu também não era social-democrata;
 Depois levaram os judeus
 Mas como eu não era judeu
 Não me importei com isso;
 Depois levaram os sindicalistas
 Mas não me importei com isso
 Porque eu não era sindicalista;
 Depois levaram os católicos
 Mas como não era católico
 Também não me importei;
 Agora estão me levando
 Mas já é tarde
 Não há ninguém para se importar com isso.

THE FRENCH MEDIA POLITICALLY INCORRECT: TRACES OF PREJUDICE AND INTOLERANCE IN THE ANALYSIS OF THE FIRST PAGES OF THE NEWSPAPER *MINUTE*

Abstract: This article aims to present a discursive analysis of the first pages of the far-right French newspaper, which deals with prejudiced and intolerant

discourses. In order to do so, we will rely on the theoretical-methodological framework proposed by French-language discursive semiotics (GREIMAS, 1973), with its developments in Brazil (BARROS, 2002; FIORIN, 2008; DISCINI, 2009) and analysis of intolerant biased discourses (BARROS, 2008, 2011; TOCAIA, 2017), both in Brazil and in France. In this way, we seek to identify the themes and images that contribute to the dissemination of prejudiced and intolerant discourses present in the first pages, considered as syncretic texts and, consequently, the prejudiced and intolerant utterer, to deprecate the actor of the enunciation (an *éthos*) prejudiced and intolerant.

Keywords: French discursive semiotics. Prejudice and intolerance in the media. Thematization and figurativization.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2008.
- BARROS, D. L. P. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.
- BERTRAND, D. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan Université, 2003.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DISCINI, N. *Comunicação nos textos. Leitura, produção, exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GRILLO, M.; MENEZES, M.; PRADO, T. Exclusivo: “Não entendo mesmo de economia”, afirma Jair Bolsonaro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jul. 2018.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2008.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dictionnaire raisonnée de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1994.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOCAIA, L. M. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1, n. 1, p. 193-209, 2017.

Recebido em agosto de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.